



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF
Bacharelado em Educação Física

O CORPO EXPRESSIVO E O USO DO TIKTOK

Kênia de Carvalho Cavalcanti

Brasília, DF
2025

Professora Doutora Rozana Reigota Naves
Reitora da Universidade de Brasília

Professor Doutor Márcio Muniz
Vice-Reitor da Universidade de Brasília

Professor Doutor Tiago Araújo Coelho de Souza
Decano de Ensino de Graduação

Professor Doutor Martim Francisco Bottaro Marques
Diretor da Faculdade de Educação Física

Professor Doutor Ricardo Moreno Lima
Coordenador de Graduação – Bacharelado

KÊNIA DE CARVALHO CAVALCANTI

O CORPO EXPRESSIVO E O USO DO TIKTOK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Maria Corrêa Medina.

Brasília, DF

2025

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF
Bacharelado em Educação Física

KÊNIA DE CARVALHO CAVALCANTI

O CORPO EXPRESSIVO E O USO DO TIKTOK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Educação Física pela Faculdade de
Educação Física da Universidade de Brasília.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Alice Maria Corrêa Medina – Orientadora
FEF/UnB

Prof. Dra. Cláudia Maria Goulart dos Santos – Membro Interno
FEF/UnB

Brasília, DF, 15 de janeiro de 2025.

Dedico este trabalho a todos aqueles que amam a dança e que assim como eu, tiveram suas vidas mudadas por ela.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus, à vida e ao privilégio que tenho em poder viver em um mundo onde a dança existe e, graças ela, sou capaz de me expressar.

À minha família, que mesmo com todos os desafios possíveis, jamais deixaram de me apoiar em cada uma das minhas decisões, permitindo-me, assim, viver este momento feliz em que escrevo. Vocês nunca duvidaram de minhas capacidades e me fizeram acreditar em todo o potencial que tenho.

À minha mãe, Maria José, e à minha irmã, Kátia de Carvalho, que cuidaram de mim e me ajudaram a enfrentar os desafios pessoais que quase me fizeram desistir dessa jornada – empreitada que me permitiu conhecer o amor e novas amizades, na vida e na dança, e que agora fazem parte de quem eu sou, sendo fundamentais nesse processo.

À todos os docentes que estiveram presentes nestes meus anos de graduação, proporcionando-me não somente conhecimento, mas despertando um imenso amor pela Educação Física.

À minha professora orientadora, Dra. Alice Maria Corrêa Medina, por me acolher enquanto orientanda neste grande desafio, tornando o processo mais leve, com toda a sua paciência, dedicação e, assim como eu, com seu amor pela dança, despertando-me o desejo pela pesquisa.

Por fim, agradeço à Kênia do ano de 2019, que se encontrava em um universo diferente e desacreditada. Obrigada por não desistir e por proporcionar-me o privilégio de seguir dançando nos palcos da vida.

“A dança é a maneira que temos de dizer tudo aquilo que a boca não diz. É uma forma de expressão sem limites...”

Márcia Marto

RESUMO

De natureza qualitativa, interpretativa e exploratória na bibliografia, o presente estudo teve por objetivo analisar a produção científica a respeito do estudo do corpo, da dança e da expressão corporal no TikTok na cultura digital contemporânea, visando concretizar uma coesão dos trabalhos já publicados na temática. A dança é considerada uma manifestação artística e cultural que contempla a expressão e a singularidade do indivíduo e que passou a integrar dinâmicas dentro das plataformas digitais, como o TikTok, aplicativo baseado na produção de vídeos curtos que ganhou notoriedade na pandemia de Coronavírus, assim faz-se importante discutir tal temática. Conclui-se que o TikTok com seus diversos recursos pode ser uma excelente ferramenta de apoio pedagógico, mas no contexto expressivo pode limitar o potencial criativo dos usuários, por conter um repertório de movimentos que em sua maioria destacam exclusivamente a parte superior do tronco.

Palavras-chave: Corpo. Expressão corporal. Dança. TikTok.

ABSTRACT

Qualitative, interpretative and exploratory in nature, the aim of this study was to analyze scientific production regarding the study of the body, dance and body expression in TikTok in contemporary digital culture, with the aim of achieving a cohesion of works already published on the subject. Dance is considered an artistic and cultural manifestation that contemplates the expression and uniqueness of the individual and which has come to integrate dynamics within digital platforms, such as TikTok, an application based on the production of short videos that gained notoriety in the Coronavirus pandemic, so it is important to discuss this topic. The conclusion is that TikTok, with its diverse resources, can be an excellent teaching support tool, but in the expressive context it can limit users' creative potential, as it contains a repertoire of movements that mostly focus exclusively on the upper torso.

Keywords: Body. Body expression. Dance. TikTok.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tutorial de dança que faz uso dos <i>emojis</i>	29
Figura 2 – Dueto espelhado verticalmente.....	30
Figura 3 – Dueto espelhado lateralmente.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Dr.	-	Doutor
Dra.	-	Doutora
ExNEEF	-	Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física
FEF	-	Faculdade de Educação Física
IA	-	Inteligência Artificial
LANeuB	-	Liga Acadêmica de Neuromecânica e Biodinâmica
Prof.	-	Professor
Profa.	-	Professora
TDIC	-	Tecnologia Digital de Informação e Comunicação
UnB	-	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL	12
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 DANÇA, CIBERDANÇA E CIBERCULTURA.....	17
2.2 BREVE RELATO HISTÓRICO DO CORPO	20
2.3 EXPRESSÃO CORPORAL	22
2.4 O CORPO E A EXPRESSÃO CORPORAL NA DANÇA.....	24
2.5 O TIKTOK COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO CONTEMPORÂNEO.....	26
2.6 COMPORTAMENTOS DO CORPO NAS REDES SOCIAIS.....	32
3 METODOLOGIA	35
4 DISCUSSÃO	36
5 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

MEMORIAL

Meu nome é Kênia Cavalcanti, aluna do curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) e, com orgulho, com formação estudantil anterior também em instituições públicas de ensino. Ingressei no curso no ano de 2019, em seu segundo semestre letivo, sendo uma apreciadora do movimento com interesses maiores da dança e as suas ramificações.

Durante minha graduação fiz parte ativa do Centro Acadêmico, fui coordenadora regional da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física (ExNEEF) e integrante da Liga Acadêmica de Neuromecânica e Biodinâmica da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (LANeuB-FEF-UnB).

Simultaneamente aos estudos, dedico meu tempo como professora de dança e sou bailarina, participando do grupo junino Si Bobiá a Gente Pimba, sendo Porta-Bandeira da Acadêmicos da Asa Norte e integrante da Transições Cia de Dança e Artes, a qual dedico boa parte da minha produção artística e que me permite o privilégio de pesquisar e vivenciar a cultura popular nordestina no Distrito Federal, bem como em outras cidades (Recife, Olinda, Oslo etc.).

Com base em minhas vivências, nesse desafio de conciliar a formação acadêmica e o desenvolvimento artístico com o meu desejo de aprender, compreendi a Educação Física como a área do conhecimento mais rica e que conseguia abraçar não somente a dança, mas o movimento corporal como um todo, por abranger uma dimensão muito grande de possibilidades, norteando, assim, minha escolha do tema de pesquisa das linhas que se seguem.

1 INTRODUÇÃO

A dança é considerada como uma manifestação artística e cultural que contempla a singularidade do indivíduo, proporcionando experiências únicas e pessoais. A expressividade corporal na dança é um poderoso recurso de comunicação que pode envolver a transmissão de emoções, narrativas e sensações de maneira não verbal por meio dos movimentos do corpo em dimensões espaço-temporais, transcendendo barreiras culturais, sociais e linguísticas, ampliando a capacidade corporal do indivíduo (Sertori, 2019).

No contexto das relações, no que tange a comunicação humana, o advento dos *smartphones* e a infinidade de aplicativos que são desenvolvidos para as suas *interfaces* modificaram a forma como as pessoas interagem não só no coletivamente, mas como elas próprias se enxergam na sociedade. O fácil acesso a essas inúmeras ferramentas disponíveis para o uso das tecnologias modificaram o modo como os indivíduos desenvolvem suas atividades cotidianas (P. Neto; Santos; Mota, 2022).

A mudança da predominância de dispositivos tecnológicos estáticos, como os computadores, para o uso dos aparelhos manuais e que podem ser levados para todos os lugares, impactaram diretamente no aumento de usuários nas redes sociais de todos os tipos (P. Neto; Santos; Mota, 2022), afetando as relações sociais como um todo.

O avanço veloz dessas tecnologias que podem ter o potencial para auxiliar os indivíduos no processo de aprendizagem e facilitar o desempenho de professores, artistas, criadores e instrutores, está cada vez mais evidente, bem como sua difusão e seu acesso entre a população. As novas formas de aprender passaram a necessitar de novas formas de ensinar, para além do tradicional – o que gera mudanças significativas em vários âmbitos da vida contemporânea (Seligman; Bona, 2023).

O entrelaçamento da arte e da tecnologia chegou até a dança de forma muito diversificada, provocando a este movimento uma significativa mudança estrutural. A partir disso, os aparatos tecnológicos passaram para além do uso de ferramentas cenográficas e do uso de iluminação em palcos de espetáculos e festivais, agora também contemplando a produção audiovisual (Santana, 2006), seja por meio de clipes musicais e/ou vídeo-danças, que fazem parte de um novo nicho de produção, compartilhamento e interação, dentro de plataformas que permitam esse desenvolvimento, principalmente nas redes sociais.

O TikTok foi desenvolvido em forma de rede social e passou a ser consumido por uma expressiva quantidade de usuários – número que cresceu significativamente após a recente pandemia do novo Coronavírus. No que tange às manifestações ativas da dança, tal plataforma democratiza esse movimento, mas simultaneamente restringe as possibilidades corporais (Guzzo, 2022), pois segundo Allemand e Bonfin (2021, p. 8), “[...] apresentam um vocabulário próprio”, com movimentações que, em sua maioria, se limitam ao uso da parte superior do tronco.

O distanciamento social relacionado ao período de isolamento na referida pandemia construiu ainda mais barreiras em relação aos processos das interações humanas, onde a produção e o consumo de *ciberdanças* criaram maneiras de obter, de forma adaptada, essas conexões (Chies; Rebs, 2021). Segundo Duarte (2020, p. 07): “A relação entre a dança e a câmera afeta a ideia tradicional de composição coreográfica, contribuindo para os questionamentos sobre a sua qualidade e validação enquanto produção artística”.

A dança é uma atividade formada por pessoas e pelo ambiente no qual ela ocorre e se manifesta (Guzzo, 2022); logo, é influenciada pelas modificações externas e internas, devendo acompanhar e se adaptar ao que acontece na sociedade (Wosniak; Motta; 2020). Deste modo, compreender as estruturas que estão conectadas a esses fenômenos se faz tão importante.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Como o TikTok, no contexto de ciberdança, interfere no desenvolvimento do corpo expressivo na contemporaneidade?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar e conhecer a produção científica existente em relação à dança no interior da plataforma TikTok, visando entender seu impacto cultural, social e educacional no contexto contemporâneo.

1.2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar sobre a dança como manifestação expressiva e cultural;
- Avaliar de que forma a dança tem sido utilizada na plataforma TikTok; e
- Discutir sobre o impacto da dança, no TikTok, na cultura digital contemporânea.

1.3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa e o consequente estudo tiveram por base o interesse e a necessidade de compreender sobre a importância da expressão corporal na dança e o uso das plataformas digitais, considerando a perspectiva e as expectativas da era tecnológica atual, que passou por grandes mudanças com a modernização e a globalização, sendo impactada pelas consequências da pandemia do novo Coronavírus.

Diante da atual conjuntura social, é necessário considerar toda a estrutura que ronda a vida cotidiana. Nesse contexto, a imersão populacional, com o uso das redes sociais, refletem nas nossas condições de existência para com o mundo e em nossa relação com os outros, não somente aqueles que estão ao nosso redor, mas também aqueles com os quais interagimos por meio das telas.

A dança, entre significativas possibilidades, carrega benefícios que contemplam aspectos cognitivos, mecânicos e sociais, que vão desde o desempenho motor até a melhora da autoestima e autoconfiança (Conceição, 2022). Na era contemporânea, passa a assumir novas roupagens e se apropriar e/ou ser apropriada de novos espaços.

O TikTok ganhou notoriedade na divulgação e propagação de mídias e conteúdos artísticos. Destarte, passou a fazer parte da vida cotidiana de muitas pessoas. A produção científica e acadêmica sob a perspectiva expressiva/corporal dentro desta plataforma ainda tem muito a considerar, sendo o presente estudo uma contribuição para a construção de futuras pesquisas, buscando compreender as transformações culturais e artísticas que emergem da interação entre a dança, a expressividade corporal e o universo das mídias digitais.

Fenômenos como este demonstram a necessidade de investigar sobre essas novas formas de existir e interagir. Nesse viés, tem-se a demanda em produzir contribuições científicas para que a produção do conhecimento se enriqueça mais e,

como consequência, seja possível melhor compreender alguns desses fenômenos contemporâneos, atuais.

O tema da presente pesquisa mostrou-se importante, pois adentra em temáticas que envolvem estruturas sociais, redes de comunicação, corporeidade, saúde e lazer dentro da contemporaneidade, discutindo sobre o uso da plataforma e sua relação com o corpo e a dança.

Considerando o impacto das mudanças cotidianas, o presente estudo buscou ampliar a literatura sobre a discussão da expressão corporal e as mídias sociais, mais especificamente voltadas para a plataforma TikTok, buscando gerar contribuições para diferentes áreas do conhecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DANÇA, CIBERDANÇA E CIBERCULTURA

Muitos autores vêm contribuindo com as definições de dança, seus benefícios, discutindo como ela se apresenta e a sua relação com cada indivíduo.

A dança é uma das linguagens mais antigas conhecidas, que dispõe de representações religiosas, festivas, contemplativas, carnais e vitais.

De um modo geral, podemos dizer que a dança se constitui pelos movimentos que se materializam em um determinado corpo-espaco, seguindo uma outra lógica do tempo que não a do tempo cronológico e linear, bem como pelos gestos-ação dos corpos físico, biológico, sensível, subjetivo e psíquico, os quais buscam ininterruptamente por uma redefinição (Sertori, 2019, p. 190).

Ela atinge essas dimensões de diversas formas, interagindo com as noções motoras e se intervando aos processos internos, transformando o movimento corporal para além das necessidades biológicas humanas; o gesto é atrelado às expressões, transformando a dança em uma linguagem ainda mais rica (Sampayo, 2007).

A dança é algo incrível: é uma das expressões artísticas mais antigas do ser humano; ela nos permite ensinar e demonstrar aos outros nossa capacidade criativa e expressiva. E isso é feito através do movimento consciente, algo que nos diferencia dos outros seres vivos (Sampayo, 2007, p. 04).

Tal potencial oferecido para o indivíduo aponta que a dança pode propiciar experiências únicas, reforçando essa capacidade de criar por meio do movimento; o corpo passa a desenvolver dinâmicas diferentes e novas formas de se expressar. Sobre a questão, Figueiredo (2016, p. 03) observa que a dança é “[...] uma atividade instintiva fundamental no desenvolvimento corporal do indivíduo, permitindo explorar diferentes formas de movimento e diferentes gestos e primordialmente uma tomada de autoconsciência dos segmentos corporais”.

Aquela autora ainda aponta a dança como atividade física, formadora, cultural e simbólica, que possibilita o envolvimento de pessoas de diferentes classes sociais, raças, etnias e com distintos objetivos, que pode contribuir para um melhor desenvolvimento crítico, criativo e comportamental, tanto pessoal quanto em sua relação com o outro.

Mortari (2013) se refere a dança como algo que não pode ser aprisionado, uma vez que nela têm-se diversos espaços, gêneros, técnicas e estilos.

Não negamos que haja especificidades na forma de conceber e desenvolver a Dança, mas entendemos ser necessário ultrapassar as fronteiras entre uma técnica e outra, tendo o cuidado em não cristalizar o conhecimento, aprisionando-o dentro de muralhas que impeçam a transposição de seus espaços (Mortari, 2013, p. 61).

Ressaltando a importância de estar sempre disposto a descobrir novas possibilidades, a dança se apresenta em diferentes culturas, ritmos e nuances, contemplando o processo de desenvolvimento da consciência corporal individual ou coletiva, no intuito de dar forma a uma célula coreográfica, composta por determinadas dimensões (espaço-tempo, peso, ritmo) e determinados níveis (Strazzacappa, 2007). Ao longo dos anos, a dança segue se modificando, criando novas roupagens e vertentes, que no contexto da cultura digital passou a se atrelar a ela.

Nesse sentido, foram sendo desenvolvidas as ciberdanças, referentes às criações produzidas nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) – recursos tecnológicos que permitem a conexão de pessoas e ambientes em uma rede e que estão presentes na vida cotidiana (Silveira; Brüggemann; Bianchi, 2019). Em resumo, é a dança dentro do mundo digital.

Para Wosniak (2013), a ciberdança é uma forma de arte digital que emerge da interação entre o corpo humano e as novas mídias digitais; é caracterizada por um longo processo de hibridação tecnológica, onde as fronteiras entre as diferentes formas de arte e comunicação são flexibilizadas, permitindo novas possibilidades de expressão e representação. A autora ainda destaca que a ciberdança não é vista como uma ruptura, mas como uma nova configuração no fazer a dança, que possibilita a interação com a realidade proposta pelo meio digital e as modificações que ocorrem dentro dele.

Segundo Chies e Rebs (2021) a ciberdança é um emaranhado de interações que movimenta não apenas a dança, a tecnologia, os bailarinos, a edição e a plataforma vinculada, mas também os sujeitos externos, ou seja, os sujeitos que agem e interagem com o produto audiovisual.

A capacidade facilitada de acesso às TDICs contribuem para a produção e propagação dessas ciberdanças, onde a possibilidade de gravar permite a oportunidade de uma visualização aos próprios olhos e aos olhos dos outros (Chies; Rebs, 2021). Esse movimento se inerva à cibercultura, que é o movimento cultural dentro da atmosfera virtual ou do ciberespaço (Levy, 1997).

Levy (1997, p. 12) afirma que precisamos estar abertos e “[...] receptivos em relação a novidade” e que devemos tentar compreender as mudanças, pois elas são significativas na nossa construção.

[...] a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação” (Levy, 1997, p. 15).

Nessa toada, Lemos (2023, n.p.) afirma: “A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc...) vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social”.

Souza (2022, p. 247), por sua vez, compreende que o ciberespaço é um ambiente aberto ao processo de aprendizagem, “[...] onde o uso de ferramentas midiáticas se apresenta como um recurso”, podendo ser utilizado de diversas formas.

Cibercultura e ciberespaço são elementos complementares que propiciaram espaço para uma aproximação com a dança, a transformando em um elemento ainda mais conectivo, resultando no que se compreende por ciberdança. Tal relação que movimenta as tecnologias e ambientes virtuais com grande força, por ser algo acessível, sendo fundamentais neste trabalho. Sobre a questão, Lemos (2023, n.p.) reafirma que:

As novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas contemporâneas (da medicina à economia), como também tornam-se vetores de experiências estéticas, tanto no sentido de arte, do belo, como no sentido de comunhão, de emoções compartilhadas.

O uso das tecnologias produzem contextos variados, que fazem parte dos processos coletivos de dança, por meio da inter-relações cotidianas das pessoas, e que são essenciais para a vida.

2.2 BREVE RELATO HISTÓRICO DO CORPO

O corpo enquanto estrutura e construção social, abrange noções e percepções que se modificam ao longo dos anos. Segundo Almeida e Flores-Pereira (2013, p. 723). “[...] vem sendo estudado como representação cultural”. O corpo humano é objeto de pesquisa e interesse de várias áreas do conhecimento (Almeida; Flores-Pereira, 2013; Cassimiro; Galdino; Sá, 2012).

Daolio (2020) afirma que o corpo humano não é apenas um dado biológico, mas também um fruto da interação natureza/cultura, pois, uma vez que a cultura é passível de reinvenção e mudanças constantes, conseqüentemente, este corpo também se modifica.

Passando por períodos históricos importantes, o corpo foi desfrutado e apreciado de diversas formas, que variam de acordo com os interesses, sejam eles políticos, religiosos, filosóficos, econômicos ou científicos. Ideais estruturados na Antiguidade, Idade Média e Era Moderna, construíram o corpo visto na contemporaneidade tecnológica, dentro de dimensões dicotômicas que antes se baseavam no corpo-mente e invadem atualmente o presencial-virtual.

Na Grécia Antiga, os ideais políticos e éticos eram de extrema importância e com uma ideia de corpo discutida por filósofos. Considerando a estrutura social e política do período, “[...] o corpo era visto como elemento de glorificação e interesse do Estado” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 25), onde se valorizavam os aspectos de saúde, fertilidade, estética e busca pela perfeição, mas advindo de uma concepção machista, que contemplava e visualizava a beleza apenas na estrutura masculina. Neste período, o corpo era instrumento de combate e deveria ser visto, exibido e cultuado.

A Idade Média foi marcada pelo feudalismo e pela influência da Igreja e sua união com a Monarquia. O período abrangeu várias atribuições ao corpo, que pelo Cristianismo, vivia uma dicotomia sendo considerado como consequência do pecado e fruto do mesmo, na mesma medida em que o glorificavam enquanto refúgio diante seu objetivo principal: preservar a alma. Tal relação de união refletiu na estrutura de sociedade que se mantém até os dias atuais (Scarazzato, 2024). Ainda nessa relação de que o corpo era a porta de entrada para o pecado até a alma, o período ficou marcado pela “queima as bruxas”, onde muitas mulheres eram punidas pelos desejos

carnais de homens, que apontavam a sexualidade e seus corpos como os verdadeiros culpados por este anseio (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Já na Era Moderna, o método científico passou a guiar boa parte das ações humanas. Sob a “visão científica”, o corpo passou a ser objeto de estudo, sendo percebido de forma anatômica, biomecânica e funcional – uma estrutura orgânica. Em tal período têm-se diversos acontecimentos históricos, modificações sociais e estruturais, que refletem mais uma vez na percepção do corpo no mundo. É inevitável trazer essas ocorrências sem citar a Revolução Industrial no século XVIII, que foi fundamental no desenvolvimento tecnológico e criação do ciberespaço.

O surgimento do sistema capitalista mais uma vez rotula o sentido de corpo – agora, uma estrutura manipulável e produtivista, regido por disciplina em prol de um retorno qualitativo e quantitativo a esse sistema, gerando “[...] homogeneização de gestos e hábitos” (Barbosa; Matos; Costa, 2011, p. 28), por consequência das exaustivas rotinas de produção. Assim, tem-se um ciclo onde é necessário que este corpo tenha saúde para produzir, e que se adeque aos padrões de beleza para poder consumir estes mesmos produtos que foram produzidos (Rosário, 2004).

Reafirmando tais ideias, Ugarte (2005, n. p.) assevera: “[...] O capitalismo globalizado e seus meios de circulação, até agora, foram eficazes em gerenciar corpos nos seus mecanismos de ganha e gasta, para ganhar mais e consumir mais, ou para simplesmente desejar”.

Nessa construção, o consumo não para, o corpo vira objeto de disputa do mercado sendo alvo do consumo; assim, “[...] nada é gratuito, tudo é obtido num sistema de regulação de trocas” (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Com o desenvolvimento tecnológico, o corpo, que antes foi cultuado, estudado, subjugado, esculpido e pintado, agora é registrado através da fotografia do cinema e televisão, uma vez que a experiência para/no corpo é sempre reinventada pelo que se vive na cultura. Como apontam Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 32):

[...] hoje vive-se a revolução do corpo, valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, exercício físico, têm reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, mas mais narcísico e hedonista no que se diz respeito à experiência do corpo.

Sendo assim, os traços do corpo construídos ao longo da história não se perdem, mas apenas são inseridas novas camadas ao seu redor. Desse modo, o

corpo é fé, adoração, carne, movimento, sentimento, política e razão; é tanto objeto de transmissão quanto receptor, seja de matéria, energia ou conhecimento.

Na contemporaneidade, que compreende o momento que estamos vivendo, o corpo é visto como um importante *lócus* de identidade, expressão e valor social, tornando-se um produto que pode ser moldado e transformado. Assim como na Grécia Antiga, a cultura contemporânea valoriza a exposição do corpo, especialmente no ciberespaço, onde a aparência física se torna uma forma de capital social (Scarazzato, 2024).

Em síntese, o corpo-máquina entre a modernidade e a contemporaneidade, revelam uma revolução na forma com este é percebido e tratado, passando de um foco na funcionalidade e eficiência para uma ênfase na estética e mercantilização (Cassimiro; Galdino; Sá, 2012), reforçando a ideia de que o corpo não perde conceitos, mas outros são adicionados ao longo dos anos.

É claro que os períodos históricos apresentados até aqui não contemplam o corpo na sociedade como um todo, pois existem inúmeros acontecimentos que refletem sobre nossa estrutura atual; mas, os fatos que culminam na contemporaneidade e sua tecnologia como nós enxergamos agora e que vai de encontro com mais afinidade nos interesses do presente estudo passam mais perto desses acontecimentos.

Ampliando as observações sobre o corpo, este é considerado atualmente como um objeto de disputa do mercado, se tornando alvo do consumo e vice-versa. O corpo está sempre em estado de produção, de forma palpável ou não, uma vez que existem padrões, estilos, modos de existir e se expressar com este corpo – o que é individual para cada um (Almeida; Flores-Pereira, 2013).

2.3 EXPRESSÃO CORPORAL

O ser humano é um ser comunicativo que utiliza diversos tipos de linguagens, verbais e não verbais, para interagir com o outro. Foi essa capacidade comunicativa que alavancou a existência do homem em relação aos demais animais, enquanto formadores de sociedade, com a capacidade de ouvir, compreender e dialogar com o outro, que inclui não somente a fala, mas também os gestos. Dentro do processo comunicativo, existem dois pilares ou pessoas envolvidas, quais sejam; 1) Os

emissores, aqueles que transmitem uma informação; e, 2) Os receptores, aqueles que a recebem (Barros; Souza; Teixeira, 2020).

Sendo assim, a comunicação é um processo de interação baseado na troca e no compartilhamento dessas informações. A evolução humana está diretamente ligada ao desenvolvimento tecnológico que fomenta fortemente os meios de comunicação, modificando essa forma de interação que norteia as ações no mundo.

A linguagem corporal simboliza toda e qualquer movimentação e/ou gesto que contribua com a comunicação para que esta seja efetivada da melhor forma possível, ou seja, que fique mais clara a relação entre transmissor e receptor (Scherer *et al.*, 2021). Essa linguagem é usada como uma construtora de saberes, tem princípios (intimamente ligados) parecidos com a expressão corporal, mas, a expressão caminha por dimensões mais intrínsecas do corpo, que se conectam ao sistema nervoso, alcançando uma camada mais interna, a que define o potencial de externalizar as emoções por meio dos movimentos.

O ser humano é, por natureza, corpo-expressivo, mesmo com a sua capacidade de comunicação por meio da fala, uma vez que necessita e faz uso de expressões e movimentos para transmitir seus sentimentos, desejos e anseios.

A expressão de um indivíduo não pode ser reproduzida fielmente por outro, porque é considerada única para cada um, pois, para transmitir os sentimentos, cada corpo passou por experiências individuais – movimento que norteia não somente o corpo que dança, mas o corpo que pensa (Hass; Garcia, 2008).

A expressão corporal está relacionada à capacidade de demonstrar a sua vontade interna, manifestada por meio de gestos, posturas e sentimentos, que são influenciados pela forma como pensamos e sentimos as coisas ao nosso redor, baseados nas nossas experiências de vida (Silveira; Brüggemann; Bianchi, 2019).

Segundo Hass e Garcia (2008), a expressão corporal se constitui no sentir, ultrapassando o limiar da sensibilidade adquirida por meio de sentidos e sensações recebidos(as) pelo sistema nervoso e que passam pelo corpo transformando as emoções humanas, como, por exemplo, o amor, a raiva, a tristeza etc.

Para Silveira e Figueiredo (2009, n. p.), “[...] o corpo tem a capacidade de se manifestar, o que, na expressão corporal, se apresenta através do vivido corporal, da experiência do corpo seja em situações do cotidiano ou da arte”.

Grisante e Burgo (2014) propõem uma reflexão acerca da expressão corporal enquanto sua utilização no ensino, enfatizando que ela é um produto e, ao mesmo tempo, produtora de cultura, sendo essencial para a fruição e usufruto da linguagem corporal. Aqueles autores ainda reforçam que a expressão corporal está internamente ligada às emoções e aos sentimentos, sendo um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem, colaborando com o desenvolvimento da sensibilidade e da comunicação.

Corroborando com esta ideia, Stokoe e Harf (1987, p. 18) consideram a expressão como dotada de objetivos, uma atividade artística, considerando que por artística represente “[...] tudo aquilo que desenvolve a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humanas”. Sendo assim, nossa formação humana e pedagógica deve considerar os processos que envolvem o desenvolvimento de habilidades expressivas.

2.4 O CORPO E A EXPRESSÃO CORPORAL NA DANÇA

Um corpo que se expressa tem o poder de ressignificar a sua própria visão do mundo, ou seja, dar vida a um sentimento ou a uma sensação por meio do movimento corporal; pode ser relacionado a conceitos oriundos de diversas áreas do conhecimento (Psicologia, Medicina, Arte, História etc.). No presente estudo considera-se algum espaço para todos esses, para compreendê-lo, antes de tudo, como um corpo expressivo garantindo espaço, também as atribuições comunicativas, enquanto fonte de linguagem (Schneider; Gonzaga, 2018).

Dentro da atmosfera proposta pelo presente trabalho, despertamos um olhar para o corpo expressivo. E que corpo seria esse? Um corpo apenas físico; pensante; sentimental ou exibicionista? Um corpo expressivo é composto por várias dimensões, é um corpo que a partir de sua trajetória e dessas suas experiências particulares, consegue construir um saber corporal simbólico e criativo (Schneider; Gonzaga, 2018).

A junção do corpo e do seu potencial expressivo podem ser encontrados na dança, sendo uma arte que permite que as capacidades singulares do indivíduo se manifestem de maneira que consigam atingir camadas conectivas que estão no interior do corpo, não só estruturalmente, mas sinérgica e emocionalmente. Falar de um corpo que se expressa e não citar aquele que dança é um tanto difícil, desde os

primórdios, um dançarino é quem melhor representa alguém que se expressa com o corpo, sem necessariamente fazer uso da linguagem verbal.

A arte de sentir o corpo reproduzir os mais íntimos dos sentimentos é um privilégio. O ser que desfruta de tal oportunidade contempla a dança com tudo o que tem a oferecer é artista em sua totalidade, já que quem está disposto a entregar esse “produto” ao outro oferece a sua própria essência. O dançar com a alma é uma dádiva aos olhos de quem vê, público, e quem dança.

O corpo presente se faz no contato, no olhar no acalento, proporcionando um encontro físico e harmônico. A relação da dança do artista com o público é de admiração e contemplação, como um fluxo de energia constante, onde a *performance* coloca o expectador em um espaço de experiência que não é permitido pelas telas, pela dimensão 2D (Guzzo, 2022).

Este corpo que outrora representava pecado, desejo, trabalho, estética, *performance*, entre outros aspectos, agora é também ferramenta de exposição de arte, corpos expressivos e dançantes, todos vivendo dentro dessa atmosfera eletrônica e contemporânea.

Para Hass e Garcia (2008, p. 14):

A dança como expressão corporal, encontra-se de maneira intensa na atualidade, em inúmeros estilos praticados por crianças, adolescentes, adultos e idosos que, de acordo com seus objetivos e/ou metas, caracterizam a atividade como lúdica, recreativa, profissional, terapêutica etc.

No século XX, a expressão corporal assumiu uma tendência de mudanças na estrutura artística. Bailarinos e atores buscaram inovar nas possibilidades de se expressar corporalmente. A arte da dança foi descobrindo novas formas de expressão através do corpo, rebelando-se contra a rigidez do balé clássico, que não permitia que o aspecto criativo fosse desenvolvido (Almeida; Flores-Pereira, 2013).

A bailarina Isadora Duncan¹, por exemplo, surge com uma nova perspectiva para este corpo, que ansiava pela liberdade, trazendo, então, a *dança moderna*, focada em externalizar os sentimentos e emoções, pautados nos acontecimentos e contextos sociais da época (Hass; Garcia, 2008), estruturando este corpo e mente para uma dança mais orgânica (Silveira; Figueiredo, 2009).

¹ Isadora Duncan (1877-1927) considerada a precursora da Dança Moderna, uma revolucionária para o movimento da dança, buscando evitar a rigidez do balé, conhecida por performar de pés descalços.

Silveira e Figueiredo (2009) apontam que, na dança, é imprescindível um envolvimento tanto do corpo quanto da mente, pois não se trata apenas da execução de movimentos, mas de estabelecer uma relação significativa com o ambiente a sua volta. Logo, na dança, “[...] o corpo torna-se o veículo de representação de algo. E está ligada a expressão de culturas, sociedades, momentos históricos, técnicas, ritmos etc.” (Silveira; Figueiredo, 2009, p. 2).

Silva e Schwartz (1999) apontam que a expressão corporal é, antes de tudo, fundamental para a dança, pois permite que o indivíduo se manifeste, libere emoções por meio do movimento e se conheça melhor. Aquelas autoras enfatizam que a dança não deve ser apenas uma execução técnica, pois ela é vista como um aprendizado e um estilo pessoal. A compreensão e o desenvolvimento da expressividade são essenciais para enriquecer a linguagem de movimento de quem dança, podendo, assim, criar uma conexão mais profunda entre bailarino e público.

Com isso, a expressão corporal dentro da dança auxilia na construção da sua própria identidade e da percepção para com o outro, sendo fundamental no desenvolvimento de processos críticos e criativos do corpo dançante.

2.5 O TIKTOK COMO DISPOSITIVO ELETRÔNICO CONTEMPORÂNEO

No processo de globalização, as ferramentas digitais são desenvolvidas, propagadas e popularizadas entre os nichos sociais, fomentando o seu uso e as possibilidades, ofertadas nas suas atualizações. Sendo assim, essas ferramentas se modificam e a forma de usá-las acompanha na mesma intensidade, buscando acompanhar a estrutura da atual sociedade capitalista e tecnológica (Guzzo, 2022).

Na transição entre os anos de 2019 e 2020, a população mundial se viu passando por um obstáculo inesperado: a pandemia do novo Coronavírus. Como consequência dessa crise que se alastrou no mundo inteiro, houve a necessidade de minimizar a proliferação do vírus. Diante de informações reduzidas e de um crescente aumento do números de casos diários, a adoção do isolamento social foi uma das estratégias para diminuir o número de infecções. Assim, as relações de trabalho, educação e pessoais sofreram uma readequação, em sua maioria, para o ambiente virtual.

De forma repentina, todos tiveram que readaptar a vida cotidiana, diante de um estado de vulnerabilidade, medo e incertezas; e, como o fluxo de produtividade não poderia parar, a adaptação que neste momento era a única solução, para além do desistir, foi o uso de plataformas para mediação do trabalho à distância, que ganhou evidência neste período. Muitas empresas mantiveram este formato mesmo após o fim destas medidas mais extremas, porém, necessárias. Neste mesmo cenário, as dinâmicas sociais, de lazer e interação e o uso das redes sociais que já eram tão engajadas, tomaram a frente na rotina cotidiana de muitas pessoas.

Dentre muitas ferramentas, aplicativos e jogos no ciberespaço, tem se destacado uma plataforma desenvolvida e administrada pela empresa chinesa ByteDance no ano de 2016: o TikTok, que se caracteriza como uma rede social de vídeos que, inicialmente permitia a produção de vídeos de 15 a 60 segundos, pois, os vídeos curtos “[...] mantem a atenção do espectador por maior tempo” (Barin; Ellensohn; Silva, 2020, p. 02).

Funcionando nos sistemas Android e iOS, possui extensa variedade de produções e vídeos com temáticas e abordagens diversas, que variam de rotinas diárias, desafios, receitas, boletins informativos, vídeos de humor, dança e muitos outros, a depender dos interesses do usuário vinculado (P. Neto; Santos; Mota, 2022).

O TikTok apresenta uma gama de ferramentas próprias de edição, que vão desde a modificação da estrutura do vídeos (alternar a velocidade de gravação e reprodução, por exemplo) a artifícios que permitem fazer o controle de luminosidade, por meio dos filtros, adição de maquiagem, branqueamento dental e afins (Barin; Ellensohn; Silva, 2020). Dito isso, possibilita uma grande variedade dentro das postagens, o que permite aos usuários que produzem conteúdo na plataforma, denominados de *tiktokers*, que vivam realidades distintas às suas, e até ocultando-se e dando vida a outras realidades, mas que não necessariamente condizem com a existente.

O TikTok possui uma distribuição de conteúdo diferente das outras redes sociais, ou seja, não necessariamente o público precisa estar seguindo um determinado perfil para receber o seu conteúdo (SEBRAE, 2023). Existem duas formas de ter acesso ao que é compartilhado por alguém, quais sejam: 1) Na categoria “seguindo”, quando o usuário escolhe receber vídeos de determinado perfil; ou, 2) A opção “para você”, que são conteúdos recomendados pelo algoritmo do próprio aplicativo, considerando os interesses de cada usuário.

A plataforma baseia esses interesses com base na coleta de informações de dados – algo comum em outras redes sociais (WhatsApp e Instagram, por exemplo) (Zanatta, 2021). Esses conteúdos podem ser definidos por preferências pessoais, considerando o comportamento dentro da própria plataforma, como, por exemplo, os vídeos que o usuário curte e as palavras que utiliza nas barras de busca. O aplicativo conta ainda com o acesso ao sistema operacional do aparelho telefônico do usuário, sua lista de contatos e a sua localização, com o objetivo de personalizar ainda mais a experiência do usuário, garantindo mais popularidade e adesão.

Dentro da plataforma existem alguns desafios, mais conhecidos pelo termo em inglês “*challenges*”, que são interações propostas pelo TikTok e utilizadas pelos usuários como forma de movimentar e engajar determinados conteúdos que podem envolver diversas dinâmicas, onde os *tiktokers* criam algum vídeo e os demais fazem algo parecido, baseado no vídeo principal (Fonseca; Fonseca, 2022).

A dinâmica de uso de *emojis*² é também extremamente observável nos vídeos, principalmente naqueles que envolvem tutorias de dança, onde uma sequência desses *emojis* de forma representativa, simboliza o movimento a ser executado (vide figura 1, a seguir), configurando *trends*³, que tem grande força na plataforma (Allemand; Bonfim, 2021).

² Palavra derivada de termos em japonês que significam “imagem + letra” – pequenos símbolos usados para representar emoção ou objeto.

³ Traduzido para tendências, são conteúdos que ficam em alta por um determinado período de tempo.

Figura 1 – Tutorial de dança que faz uso dos *emojis*



Fonte: elaboração própria.

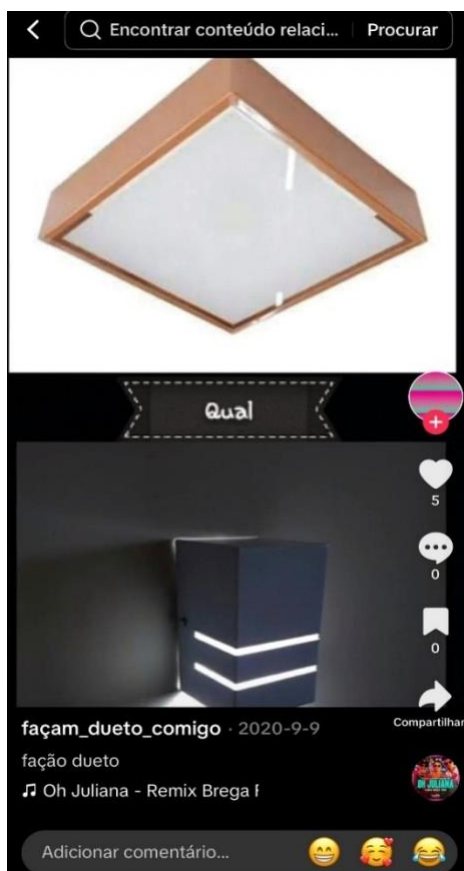
Existe também um recurso que possibilita o compartilhamento de tela, onde o usuário pode espelhar o seu vídeo com o de outro, lado ao lado, ou superior e inferior, denominado dueto (Allemand; Bonfim, 2021), conforme evidenciado nas figuras 2 e 3, a seguir.

Trata-se de uma forma de estabelecer relação direta com outras pessoas que possuem conta no TikTok, conhecidas ou desconhecidas, e criar novos vídeos a partir destes encontros. A possibilidade de interagir virtualmente, a partir do material compartilhado por alguém e desenvolver diálogos (Allemand; Bonfim, 2021, p. 9).

Como estratégia para aumentar o engajamento das publicações, os *tiktokers* também publicam seus vídeos com *hashtags* inseridas; assim, outros usuários podem direcionar suas pesquisas e interesses utilizando as palavras-chave que são anexadas a elas, como, por exemplo: #dancinha, com 3,6 milhões de publicações; #challenge, com 52 milhões de publicações; #dueto, 111,2 milhões de publicações; e,

#dancechallenge, com 14,1 milhões⁴ de publicações – o que demonstra o alcance gigantesco de vídeos encontrados nessa rede.

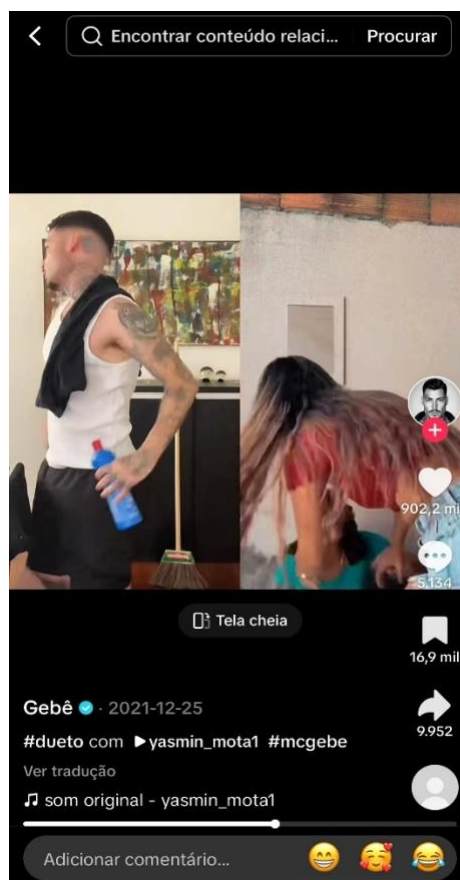
Figura 2 – Dueto espelhado verticalmente



Fonte: elaboração própria.

⁴ Dados obtidos pela autora na referida rede social em 5 de dezembro de 2024.

Figura 3 – Dueto espelhado lateralmente



Fonte: elaboração própria.

Enquanto dispositivo, o TikTok é uma potencialidade na propagação de conteúdos diversos e pode ser utilizado enquanto ferramenta pedagógica, por possuir perfis diversos que imergem em múltiplas áreas. Desde a sua popularidade no período de isolamento social, a plataforma passou a ser uma ferramenta de comunicação e um recurso pedagógico para professores, que a avaliaram como uma forma de adaptar suas aulas às necessidades próprias e aos interesses dos alunos, instigando-os a assumir uma posição mais ativa no processo de aprendizagem (Monteiro, 2022).

No ano de 2023, o TikTok esteve em 5º lugar entre as redes sociais mais usadas no Brasil, com mais de 82 milhões de usuários, representando aproximadamente 40% da população do país de mais de 203 milhões (IBGE, 2024). Em todo o mundo, o aplicativo rompeu a barreira de 1 bilhão de usuários (Dourado, 2024).

As redes sociais, como um todo, tem grande potencial e não são, de forma alguma, imutáveis, são adaptativas e evoluem a todo momento, de modo positivo ou negativo, dependendo de quem tem esse contato. Na formação estrutural

contemporânea, esse poder está literalmente ao alcance de todos, em todos os lugares e, de forma preocupante, disponível para quase todas as idades.

Assim como os aparatos possibilitam o acesso à informação de forma facilitada e menos burocratizada, as informações que circulam nas redes podem ser infundadas e perigosas ao público, onde o fácil acesso e a adesão de crianças e adolescentes se tornam uma preocupação eminente, com questionamentos referentes aos vícios e à sexualização excessiva dos corpos, que refletem na autoimagem dos usuários (Souza; Cunha, 2019).

2.6 COMPORTAMENTOS DO CORPO NAS REDES SOCIAIS

As redes sociais e o contato com o mundo externo por meio das telas modificou nossa forma de pensar e agir, tanto que boa parte do que consumimos e dos nossos interesses advém do que ali encontramos, como, por exemplo, moda, culinária, música, estilo de vida, humor e dança – tudo isso e muito mais ao alcance das nossas mãos. O que se vê nas telas, no entanto, não necessariamente condiz com a realidade, pois, muitas vezes, passam por filtros, ferramentas e acesso facilitado ao uso da Inteligência Artificial (IA), que podem gerar conflitos internos, levando o indivíduo a desejar ter aquela existência virtual (Souza; Cunha, 2019).

Santos et al. (2014, p. 9) afirmam: “As redes sociais se desenvolveram como um palco empírico para retratos diversos da contemporaneidade em meio à comunicação, cibercultura e aspectos socioculturais”. Assim, com o contato facilitado, esses meios de comunicação cresceram a partir da modernidade, e a maioria das pessoas experimentam as mudanças de alguma forma.

A transformação dos meios de produção contribuíram para a criação das máquinas tecnológicas que agora estão na palma das mãos de pessoas do mundo inteiro, do ocidente e ao oriente, de norte a sul, conectados e interligados, compartilhando seus conhecimentos, suas histórias e suas criações. Com isso, o corpo humano passou a expandir seus hábitos, adquirindo uma nova roupagem e a forma como lida e interage com os demais (Barros; Souza; Teixeira, 2020).

A influência das mídias sociais trouxe um novo olhar para a dança e para os usuários das plataformas digitais. A dança, que antes era apresentada em contextos ao vivo (teatros, palcos e ruas, por exemplo), agora se encontra em vídeos que destacam a habilidade e a criatividade individual (Santana, 2006). Com o surgimento

das redes sociais há uma tendência crescente para a replicação e a viralização de coreografias que, em sua maioria, priorizam a popularidade em detrimento da originalidade (Chies; Rebs, 2021).

Como em boa parte daquilo que é produzido no mundo, a tecnologia apresenta tanto seus pontos positivos quanto negativos. Portanto, não seria diferente nesse contexto. No mundo globalizado, não se pode ignorar o fato de que mudanças ocorrem e que precisamos estar dispostos a entender e conhecer o novo e todas as possibilidades que ele apresenta. No entanto, tudo isso exige uma atenção aos perigos que podem aparecer.

Em busca de aceitação em meio ao ciclo produtivo, homens e mulheres passam a tentar se adaptar enquanto indivíduos, aos grupos sociais, mesmo que para isso tenham que abdicar de sua liberdade e expressividade (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Assim, são desenvolvidos novos padrões, sejam eles estéticos ou até mesmo de movimentos.

Por trás do ato de deslizar os dedos pela tela, há muitas camadas de acontecimentos para além da ação palpável. Esse aparente estado estereotipado de movimento mínimo do corpo que manipula dispositivos digitais, é apenas a superfície da vastidão de reações perceptivas envolvidas no mergulho para dentro do ciberespaço e das virtualidades e poli sensorialidades da existência virtual. Entender se esse tipo de vivência sensorio-motora-cognitiva está sendo positiva ou negativa para as dinâmicas sociopolíticas é que é o ponto chave para as discussões sobre arte-educação para as novas gerações (Araujo, 2021. p. 6).

A competitividade e a necessidade de produzir mais e melhor e de gerar retorno por meio das interações com os sujeitos externos, se tornam afloradas como em todo desenvolvimento social. Assim, a presença e o uso de telas na vida cotidiana passa a interferir em vários espaços. A humanidade se mantém dentro de um ciclo desenfreado de produtividade e rivalidade, em busca de cada vez mais conquistas pessoais em detrimento do outro (Chies; Rebs, 2021).

Carvalho e Pronsato (2020) e Souza e Cunha (2019) discutem sobre o imediatismo característico da era digital, que reflete na produção de informações e na interação com a tecnologia, despertando um olhar ansioso e inquieto, que interfere no processo de aprendizagem e aumenta a pressão em manter uma imagem positiva nas redes sociais.

Segundo Carvalho e Pronsato (2020), a problemática é ainda maior quando se fala em infância e adolescência, pois são fases essenciais no desenvolvimento motor e afetivo; além disso, tais grupos tendem a ser ainda mais expostos a perigos. A comunicação mediada por redes sociais pode resultar em relações interpessoais mais superficiais, afetando a qualidade das interações e o suporte emocional. Esse acesso precoce aos conteúdos facilmente disponibilizados nas telas geram até mesmo a sexualização dos menores (Guzzo, 2022).

Du Mont *et al.* (2022) apontam que o uso do TikTok ou de redes sociais que bombardeiam nossos sentidos com excesso de informações, afetam nossa percepção sensorial, e que o uso desmedido pode gerar transtornos de ansiedade, desenvolvimento de fobias e distúrbios de concentração.

Na dança, o corpo é um veículo de comunicação. Nas redes sociais, o movimento corporal é codificado, da mesma forma que tais movimentos criados refletem na vida cotidiana; “[...] logo, a tecnologia altera o homem e vice-versa” (Santana, 2006). Assim, o corpo que dança assume novas configurações, ao passo que as preocupações que antes envolviam somente o desempenho técnico passam a desenvolver novos anseios.

Quem se envolve com a produção em mídia precisa se reconhecer enquanto propagador de conhecimento, ou seja, necessita entender que vivemos em um período em que todas as pessoas tem, em algum modo, potencial de influenciar as demais. Sendo assim, devem assumir a responsabilidade pelo que compartilham. Do mesmo modo, as indústrias de mídia precisam supervisionar com mais firmeza o que é inserido em suas plataformas (Carvalho; Pronsato, 2020).

Por fim, a presença de influenciadores que promovem e divulgam seus estilos de vida podem impactar a percepção dos jovens sobre o que é considerando normal, criando novas expectativas nessa cultura das redes que tende a valorizar a aparência física em detrimento de outras qualidades, reforçando ainda mais essa superficialidade nas relações humanas e sociais (Carvalho; Pronsato, 2020).

3 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão de literatura, fazendo uso da pesquisa em artigos, documentos e publicações acadêmicas relevantes que debruçam no tema e suas ramificações, em meio a uma análise crítica e interpretativa, buscando destacar as principais contribuições. Foram incluídas produções que discutem a temática em abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. É um estudo qualitativo e interpretativo (Bauer; Gaskell, 2008; Denzin; Lincoln, 2006).

Para a presente pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras-chave e suas combinações: “dança”; “TikTok”; “ciberdança”; “mídias digitais”; “redes sociais”; “expressão corporal”; “corpo”; e, “educação”. E ainda fez-se uma busca *online*, utilizando o Google Acadêmico e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seguindo para a análise qualitativa baseada na leitura dos resumos pesquisados, selecionando os artigos e documentos que contemplem as temáticas envolvidas no estudo.

4 DISCUSSÃO

Até aqui viu-se que a dança se apresenta em uma diversidade de significados e contemplações artísticas. Cada período histórico, nacionalidade e/ou etnia transmitem esse movimento de uma forma, que, com a globalização, encontra outros povos; e, essas vertentes vão se modificando, adaptando, ganhando novas formas e se inserindo em novos corpos.

A dança que *de per si* é adaptável dentro de determinadas possibilidades, não iria ficar de fora das mudanças desse mundo capitalista, tecnológico e globalizado, que não só consome, mas que produz conteúdo de diversas formas. Assim, tem-se que a dança adentrou nas produções das mídias digitais e as redes passaram a influenciar na dança, seguido, assim, um ritmo de troca constante de criação, inspiração e/ou apropriação do corpo.

No uso frequente das mídias e redes sociais na contemporaneidade, questiona-se: como se comportam os indivíduos quanto ao seu potencial expressivo oriundo do que é produzido no TikTok? O que essa plataforma gera e como ela contribui ou afeta na formação corporal, pedagógica e/ou artística do seu público?

O impacto da dança no TikTok na cultura digital é significativo e pode ser observado em várias dimensões. As danças no TikTok tem a capacidade, segundo Souza e Prudente (2024), de se tornarem rapidamente virais, alcançando, em pouco tempo, um grande público, transformando-as em um fenômeno cultural em grande escala, influenciando tendências musicais e comportamentais.

Existe, para além de tudo, motivações para a produção dessas ciberdanças no TikTok, que envolvem desde a construção da identidade corporal ao longo dos anos, até fatores socioculturais. Sobre a questão, Chies e Rebs (2021) buscaram entender tais motivações, assim como Guzzo (2022), que em seus estudos se inseriram na plataforma, utilizando como abordagem metodológica uma observação participante e, posteriormente, aplicando questionários direcionados aos usuários do TikTok.

Allemand e Bonfim (2021, p. 12), enquanto professoras de dança, optaram por adentrar na plataforma para se aproximar dos alunos e construir a dança coletivamente, fazendo uso do TikTok para alcançar seus objetivos de fomentar a dança e compartilhar seus conhecimentos durante a pandemia do novo Coronavírus, com a lógica de que se a plataforma foi desenvolvida e é utilizada pelo público com frequência, então, deve-se “[...] considerar o que é produzido neste aplicativo”.

Guzzo (2022) apresenta reflexões com base em uma imersão interior da plataforma, tentando compreender o que ela denominou de “monocultura coreográfica”. A autora explica que utilizou este termo por considerar a monocultura como uma “[...] oposição a ideia de biodiversidade” (Guzzo, 2022, n. p.), considerando a homogeneidade de movimentos que encontrou nas execuções coreográficas dos vídeos dos usuários do TikTok.

Com um interesse maior no processo coreográfico e criativo das ciberdanças produzidas pelos *tiktokers*, Guzzo (2022) fez uma análise crítica e comportamental para entender o fenômeno com mais propriedade, trazendo reflexões mais profundas sobre esse corpo expressivo. Aquela autora aponta que tal imersão não é simples, mas necessária, uma vez que o acompanhamento de “[...] processos subjetivos e poder registrá-los é um dos desafios das pesquisas em dança, que têm como centro o corpo e sua relação com as paisagens, já que o corpo é também paisagem” (Guzzo, 2022, n. p.).

Como abordam Allemand e Bonfim (2021, p. 8), o TikTok apresenta um vocabulário próprio, que consiste em movimentações com o foco na parte superior do tronco. Denominadas de “dancinhas” pelos jovens que usam a plataforma, as coreografias do TikTok demonstram ter um repertório de movimento observável, padrão. Toda a estrutura de influência da plataforma na vida de quem a consome modificou e edificou novas forma de se produzir música propriamente dita. As coreografias seguem em sua apresentação para o público das redes, uma ligação direta com as músicas sobre as quais são desenvolvidas, baseados em movimentos que reproduzem de forma variada o que é dito na letra ou desenvolvidas a partir das batidas ou do ritmo.

Considerando isso, nos últimos anos, as músicas passaram a ter menor tempo de duração, letras que possibilitam a criação de representações por meio do corpo e toques e batidas acentuadas para colaborar com as produções dançantes da aplicativo.

As chamadas “dancinhas” apresentam, nesse vocabulário, movimentações próprias, de identidade reconhecível, pois, o seu gestual repetitivo, composto de execuções que não necessitam de alto nível de complexidade, aptidão física, cardiopulmonar ou muscular, que normalmente são exigidas em vertentes da dança, são facilmente aprendidas e reproduzidas pelos usuários (Chies; Rebs, 2021).

Ainda que seja possível observar algumas referências de vertentes como as danças urbanas, coreografias clássicas e movimentos de etnias diversas, Araujo e Oliveira (2020) apontam que não se pode definir os movimentos de dança da plataforma em algum estilo, pois, o que se encontra nesse repertório é baseado nas experiências dos usuários e o que eles consomem dentro e fora do TikTok, o que resulta em uma junção dessas vertentes e tantas outras.

Assim como Allemand e Bonfim (2021), Souza e Prudente (2024) reforçam que não existe predominância de estilo musical na plataforma, mas que, fazendo uma análise dos movimentos, é possível notar alguns passos oriundos da cultura Hip-Hop, com muitos passos envolvendo mãos, braços e tronco – o que pode ser um fator ligado a popularidade do TikTok, pois, o usuário acaba se identificando com o conteúdo.

O fácil acesso à execução dos movimentos e o curto tempo necessário para a produção dos vídeos é o que permite, segundo Souza e Prudente (2024), que os usuários sejam não somente espectadores, mas também produtores de conteúdo, contribuindo com o volume de vídeos de dança no TikTok.

Apesar de ser uma ferramenta que possibilita a expansão do repertório de movimentos corporais (Araujo; Oliveira, 2020) e considerando a significativa quantidade de usuários e sua heterogeneidade cultural, suas movimentações de dança ainda insistem em se manter limitadas (Allemand; Bonfim, 2021).

As ferramentas dispostas no próprio aplicativo são utilizadas pelos usuários como forma de auxiliar o aprendizado dessas células coreográficas, fazendo uso de elementos simbólicos que representam determinadas movimentações, como, por exemplo, o uso de *emojis* em formatos de setas, que podem indicar e/ou sugerir qual braço seria utilizado no próximo passo (Allemand; Bonfim, 2021), quase como um karaokê de movimento.

Cada um desses símbolos utilizados, no entanto, podem significar movimentações diversas, pois não existe unanimidade quanto ao seu uso, esse critério fica totalmente a direito de escolha do criador do vídeo (Araujo; Oliveira, 2020).

A experiência de produzir dentro da plataforma, que dispõe de uma infinidade de possibilidades, limita tantas outras, a diversidade cultural presente é maior; são corpos, pensamentos e público diferentes; no entanto, se perde o toque, o afeto, as noções espaciais, o senso de grupo e a colaboração coletiva que existe na produção de dança presencialmente, que é tão importante no processo coreográfico, pois

garante uma dimensão mais afetiva e efetiva – o que torna a dança uma grande potência na expressão corporal (Guzzo, 2022).

Guzzo (2022) observa que apesar dos jovens estarem dançando mais e consumindo mais dança, seus corpos estão cada vez mais confinados e vigiados pelo “capitalismo de vigilância”, reafirmando o que apontam Allemand e Bonfim (2021). Aquela autora critica como os algoritmos não apenas moldam o conteúdo que os usuários consomem, mas também restringem as formas de expressão e a diversidade de experiências, resultando em uma vigilância constante que afeta a liberdade de movimento e a criatividade. E ainda, afirma que a “TikTokização” da vida, que se refere ao impacto que o TikTok tem no nosso cotidiano, resulta em uma domesticação do corpo, onde as possibilidades de movimento e expressão são limitadas pelo formato da plataforma, onde a dança e a coreografia se tornam produtos a serem consumidos.

Guzzo (2022), com toda essa imersão, compreende uma característica muito simbólica, considerando aspectos fundamentais da dança que, ao longo dos anos, construiu-se na conexão e na presença, ou seja, na “dança da solidão”, pois não efetivam o contato. Aquela autora colabora com outros autores sobre a pobreza expressiva dos movimentos, ressaltando a domesticação do corpo que fica confinado ao que é imposto pelos algoritmos.

Como visto, o TikTok é “[...] uma plataforma desenhada para o consumo e a criação de conteúdo criativo intimamente relacionado à dança” (Bonfim; Allemand, 2021, p. 122). Possui vários recursos de edição e um algoritmo próprio para ter engajamento, além de ferramentas de fácil utilização pelos usuários. Com isso, a plataforma pode servir de apoio para atrair os jovens e suas novas formas de aprendizado (Seligman; Bona, 2023). Monteiro (2020) diz que a utilização do TikTok de forma estratégica, pode ser um meio de compartilhar conhecimentos de forma criativa.

Bonfim e Allemand (2021), no papel de professoras de dança, reforçam a ideia de que não se pode ignorar as mudanças e possibilidades propostas pelas novas formas de fazer dança que surgiram com o despertar e a popularidade das redes sociais e no ciberespaço como um todo. Apesar disso, deixam claro que mesmo com essa possibilidade de imergir, os professores precisam estar atentos e podem utilizar o TikTok como suporte para propagar o que o movimento da dança já tem de bagagem, uma vez que a plataforma seria apenas um elemento complementar na forma de difundir a dança, não o principal.

Ainda no contexto educacional da dança, Bonfim e Allemand (2021, p. 128) sugerem que é importante transgredir os arquétipos contidos na plataforma, além de reforçar que os professores devem buscar conhecer seus estudantes para inserir elementos de suas realidades no processo de aprendizagem, para que ele se torne mais efetivo, pois, a cópia apenas “[...] desenvolve corpos dóceis, silenciados e passivos”, diminuindo o potencial expressivo dos indivíduos.

A dança, por essência, é uma forma de expressão que, unida à plataforma, permite que os indivíduos compartilhem seus corpos em movimento. Os códigos gestuais que surgem com essa fusão, muitas vezes, constroem a dança, limitando a liberdade e a autoexpressão dos dançarinos, que passaram a copiar mais do que criar. Essa mudança faz com que a dança se torne um reflexo das expectativas sociais, refletindo não apenas na corporeidade, mas também na conectividade das interações pessoais (Guzzo, 2022).

5 CONCLUSÃO

Como arte pioneira, a dança tem acompanhado todas as mudanças históricas ao longo dos anos e foi inserida com grande presença às plataformas tecnológicas do ciberespaço dando mais força ao movimento chamado de ciberdança.

O TikTok é uma plataforma que, mesmo sendo desenvolvida recentemente, alcançou um público significativo e passou a fazer parte da vida cotidiana das pessoas em busca de interação e entretenimento; é uma rede dotada de ramificações que se inerva em uma *interface* acessível, um fenômeno da cultura digital contemporânea. Por um lado, vemos uma plataforma com excelente potencial para a disseminação da dança, um espaço onde os usuários podem compartilhar suas habilidades e onde há uma vasta diversidade cultural; por outro lado, se não existir um certo supervisionamento pode haver, no que tange à dança, uma homogeneização dos movimentos e uma diminuição dos processos criativos que são um potencial humano.

Em resumo, ainda há muito que se considerar quando falamos de dança no ambiente virtual, pois existem muitas camadas para além da exposição do corpo ou do movimento corporal em si. Somos seres em constantes processos de mudança e, da mesma forma que esse desenvolvimento tecnológico foi construído com milênios de traços históricos, novas mídias podem surgir a qualquer momento e modificar mais uma vez toda a forma como vemos e vivemos o mundo e o corpo dançante.

A produção científica pautada nessas temáticas ainda não se aprofundou o suficiente, pois, o ciberespaço é vasto e o TikTok ainda não foi explorado de forma considerável no âmbito da pesquisa. Deste modo, ainda existem lacunas a serem preenchidas que envolvem a ligação de várias áreas do conhecimento que estudem o corpo, a tecnologia e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALLEMAND, Débora Souto; BONFIM, Larissa. Diálogos entre dança na escola e dança no TikTok: propostas no ensino remoto. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-30, set. 2021. E-ISSN 2358-6958. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573102412021e0112>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20480/13407>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ALMEIDA, Dóris Dornelles de; FLORES-PEREIRA, Maria Tereza. As corporalidades do trabalho bailarino: entre a exigência extrema e o dançar com a alma. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, art. 5, p. 720-738, nov./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000600006>.
- ARAUJO, Ana Talita Torres de. **Corpo, escola e cultura digital**: novas tecnologias digitais no ensino de dança na Educação Básica. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- ARAUJO, Ana Talita Torres de; OLIVEIRA, Lara Seidler de. Estudos sobre o TikTok: corpos híbridos em processos educativos autônomos em dança. *In*: AMARAL, Sergio Ferreira do; VOLPE, Marina Fernanda Elias; GARBIN, Mônica Cristina (Orgs.). **Dança e tecnologia**: quais danças estão por vir?. Salvador: Editora ANDA, 2020. p. 179-192. 292 p. (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 5). ISBN 9786587431017. ISBN Coleção 9786587431123.
- BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>.
- BARIN, Claudia Smaniotto; ELLENSOHN, Ricardo Machado; SILVA, Marcelo Freitas da. O uso do TikTok no contexto educacional. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 630-639, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1679-1916.110306>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/110306/60059>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BARROS, Álvaro Gonçalves de; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; TEIXEIRA, Risiberg. Evolução das comunicações até a Internet das Coisas: a passagem para uma nova era da comunicação humana. **Cadernos de Educação Básica**, [s. l.], v. 5, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33025/ceb.v5i3.3065>.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. ISBN 9788532627278. Título original: Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook.

BONFIM, Larissa; ALLEMAND, Débora Souto. Experiências artístico-pedagógicas no TikTok: duetos de dança entre professoras e estudantes. *In*: CORRÊA, Josiane Franken; ALLEMAND, Débora Souto (Orgs.). **Dança na escola: pedagogias possíveis de sôras para profes.** São Leopoldo, RS: Oikos, 2021. p. 121-138. 144 p. ISBN 9786586578621.

CARVALHO, Thainá Maria Silva; PRONSATO, Laura. Interações entre dança e tecnologia: um estudo prático-teórico sobre a dança mediada por dispositivos tecnológicos. **Palíndromo**, [s. l.], v. 12, n. 26, p. 110-124, jan./abr. 2020. ISSN: 2175-2346. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175234612262020110>. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/13717/10915>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales; SÁ, Geraldo Mateus de. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade. **Μετávoia – Revista Eletrônica Print**, São João Del Rei, MG, n. 14, p. 61-79, 2012. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistametanoia/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf. Acesso em; 10 dez. 2024.

CHIES, Luiza; REBS, Rebeca Recuero. Pandemia e as motivações sociais para a Produção de ciberdanças no TikTok. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, RS, a. 21, n. 44, p. 1-19, jan./mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.19179/2319-0868/852>. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/RevistadaFundarte/article/view/852/pdf_150. Acesso em: 10 dez. 2024.

CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da. Influência da dança nas mídias sociais. *In*: SOUZA, Poliana Mendes de; BENIAICH, Adnane (Orgs.). **Ciência e tecnologia aplicadas à saúde: evolução em contexto de pandemia.** Diamantina, MG: UFVJM, 2022. p. 87-97. 149 p. ISBN 9786500570700.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papirus, 2020. 253 p. (Coleção Corpo & Motricidade). ISBN 9786556500577.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p. Título original: *The landscape of qualitative research : theories and issues.*

DOURADO, Bruna. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais: Instagram, TikTok, WhatsApp... Qual está na frente? Veja a lista completa e entenda quais são mais relevantes para sua estratégia digital!. **RD Station**, [s. l.], 24 abr. 2024. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 7 set. 2024.

DU MONT, Louise Gabrielle; SANTOS FILHO, Ronaldo Veiga dos; PACHECO, Patricia Maria de Azevedo; AMBROSOLI, Silvana dos Santos; PINHEIRO, Andrea Maria da Silveira Goldani. O impacto do uso das redes sociais no nível de

ansiedade. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar**, [s. l.], v. 3, n. 12, p. 1-2, 2022. ISSN 2675-6218. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i12.2418>. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2418/1827>. Acesso em: 10 dez. 2024.

DUARTE, Carolina Natal. Tecnologia na dança: uma perspectiva da mídia da presença. *In*: AMARAL, Sergio Ferreira do; VOLPE, Marina Fernanda Elias; GARBIN, Mônica Cristina (Orgs.). **Dança e tecnologia**: quais danças estão por vir?. Salvador: Editora ANDA, 2020. p. 256-269. 292 p. (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 5). ISBN 9786587431017. ISBN Coleção 9786587431123.

FIGUEIREDO, Susana de Pinho. A dança e a expressão corporal: prática educativa, cultural e social. **European Review of Artistic Studies**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 67-75, 2016. ISSN 1647-3558. DOI: <https://doi.org/10.37334/eras.v7i1.118>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338687070_A_DANCA_E_A_EXPRESSAO_CORPORAL_PRATICA_EDUCATIVA_CULTURAL_E_SOCIAL. Acesso em: 10 dez. 2024.

FONSECA, Diego Leonardo de Souza; FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo. O TikTok como ferramenta de inovação em serviços de informação em bibliotecas. **Em Questão**, Porto Alegre, v.28, n.2, p. 13-38, abr./jun. 2022. E-ISSN 1808-5245. DOI: <https://doi.org/10.19132/1808-5245282.116231>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/116231/66234>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GRISANTE, Rogério Santos; BURGO, Ozilia Geraldini. Expressão corporal: uma reflexão pedagógica. *In*: MOSTRA INTERNA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7, 21-24 out. 2014, Maringá, PR. **Anais [...]**. Maringá, PR: UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá, 2014. ISBN 9788580847246. Disponível em: https://www.unicesumar.edu.br/mostra-2014/wp-content/uploads/sites/92/2016/07/rogerio_santos_grisante.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

GUZZO, Marina Souza Lobo. Uma experiência cartográfica no TikTok e seus desertos da monocultura coreográfica. **Revista Pensar a Prática**, [s. l.], v. 25, 2022. ISSN 1980-6183. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.71747>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/71747/39169>. Acesso em: 10 dez. 2024.

HASS, Aline Nogueira; GARCIA, Ângela. **Expressão corporal**: aspectos gerais. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008. 75 p. ISBN 9788574307954.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**: mapas urbanos estatísticos 2022, por Unidade da Federação. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censodemografico-2022.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 9. ed. Porto Alegre: Sulina, 2023. 328 p. ISBN 9786557591048.

LEVY, P. Cibercultura. **Editora 34**, São Paulo, Coleção Trans. 1997

MONTEIRO, João Carlos da Silva. Aprendizagem no TikTok, check!: uma revisão sistemática da literatura. **Open Minds International Journal**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 46-55, maio/ago. 2022. ISSN 2675-5157. DOI: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i2.164>. Disponível em: <https://openmindsjournal.com/openminds/article/view/164/130>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MONTEIRO, João Carlos da Silva. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos – RELAC**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 5-20, mar./abr. 2020. ISSN 2675-3855. DOI: <https://doi.org/10.46375/relaec.30795>.

MORTARI, Katia Simone Martins. **A compreensão do corpo na dança**: um olhar para a contemporaneidade. Orientadora: Ana Paula de Paiva Barata Almeida Batalha. 2013. Tese (Doutorado em Motricidade Humana) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2013.

P. NETO, José de Senna; SANTOS, Isadora Mendes dos; MOTA, Marcelle Pereira. TikTok: qual o impacto do crescimento da plataforma? *In*: WORKSHOP SOBRE ASPECTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR NA WEB SOCIAL (WAIHCWS), 13, 2022, Diamantina, MG. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 56-62. ISSN 2596-0296. DOI: <https://doi.org/10.5753/waihcws.2022.226367>. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/waihcws/article/view/22576/22400>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose. **Emoriô**, [s. l.], maio 2004.

SAMPAYO, Sonia (Org.). **Dança**: movimento & expressão corporal: beleza, estética, forma física, diversão. São Paulo: Queen Books, 2007. 162 p. ISBN 9788565912020.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital**. Salvador; EdUFBA, 2006. 191 p. ISBN 9788523209056.

SANTOS et al. Cibercultura e contemporaneidade: panorama de uma sociedade da comunicação. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 7, n. 20, p. 83-97, 2014.

SCARAZZATTO, Juliana. O corpo na contemporaneidade. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, Passos, MG, a. 3, v. 3, n. 3, p. 1-11, 2024. ISSN 2965-4017. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/scm/article/view/8875/5419>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SCHERER, Anderson; LIMA, Ana Beatriz Maria de; AZEVEDO, Daniella Nascimento; BARBOSA, Marta Jaqueline Nascimento; BARBOSA, Natieli Caroline; SCHWITTAY, Nayara Azevedo; GUIRON, Nicolas Yago; FELKIS, Yaksha Jordão. A importância da linguagem corporal na consulta veterinária com tutores idosos,

desafios e limitações. **Pubvet**, [s. l.], v. 15, n. 8, p. 1-4, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n08a891.1-4>. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/uploads/b49241b2d7fc47bb81bf7e02f543c082.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SCHNEIDER, Patricia Daiani; GONZAGA, Angela Maria. Corpo expressivo. *In*: FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla; AQUERE FILHO, Karim (Orgs.). **Livro de destaques**: salão de extensão. Novo Hamburgo, RS: Editora FEEVALE, 2018. ISBN 9788577172290.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Você sabe como funciona o algoritmo do TikTok?** [S. l.], 21 fev. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/voce-sabe-como-funciona-o-algoritmo-do-tiktok,d307c4ee6b5f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=Vale%20ressaltar%20que%20o%20algoritmo,e%20a%20temática%20da%20publicação>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SELIGMAN, Laura; BONA, Rafael José. Sem giz e com dança: o uso do TikTok para uma educação complementar além da sala de aula. **Comunicação & Inovação**, [s. l.], v. 24, p. 1-17 jan./dez. 2023. ISSN 2178-0145. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e20239271>. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/9271/4050. Acesso em: 10 dez. 2024.

SERTORI, Rafael Henrique Viana. O corpo da dança: entre liberdade, expressão e pensamento. **IDE**, São Paulo, v. 41, n. 67-68, p. 187-201, dez. 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v41n67-68/v41n67-68a17.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Maria Graziela Mazziotti Soares da.; SCHWARTZ, Gisele Maria. A expressividade na dança: visão do profissional. **Motriz**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 168-177, dez. 1999. DOI: <https://doi.org/10.5016/8732>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/8732/6123>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVEIRA, Bruna Souza; FIGUEIREDO, Valéria. Expressão corporal e a dança contemporânea: proximidades e contradições. *In*: EDIPE – ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 3, 2009. **Anais [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2009. Disponível em: https://cepedgoias.com.br/edipe/IIledipe/pdfs/2_trabalhos/gt06_educacao_fisica/trab_gt06_expressao_corporal_danca_contemporanea.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVEIRA, Juliano; BRUGGEMANN, Ângelo Luiz; BIANCHI, Paula. Formação de professores de Educação Física e tecnologias digitais de Informação e comunicação (TDIC)/mídia: uma relação possível? Análise das propostas curriculares de universidades federais Brasileiras. **Motrivivência**: Revista de Educação Física, e Lazer, Florianópolis, v. 31, n. 57, p. 1-19, jan./mar. 2019. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e55308>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55308/39009>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SOUZA, Karla; CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro da. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 204-217, set./dez. 2019. ISSN 2594-5343. DOI: <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156>.

SOUZA, Sandra Cristina Morais de. Cibercultura e educação: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Teias**, [s. l.], v. 23, n. 68, p. 237-249, jan./mar. 2022. ISSN 1518-5370. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.55310>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/55310/41472>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SOUZA, Vanessa Rodrigues de; PRUDENTE, Paola Luiz Gomes. 3,2,1 gravando: a dança no TikTok. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, Passos, MG, a. 3, v. 3, n. 3, p. 1-11, 2024. ISSN 2965-4017. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/scm/article/view/8158/5131>. Acesso em: 10 dez. 2024.

STOKOE, Patricia; HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré escola**. 5. ed. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1987. 152 p. (Coleção Novas Buscas em Educação). ISBN 9788532303196.

STRAZZACAPPA, Márcia. Compartilhando um outro olhar sobre o ensino de dança. *In*: FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo (Orgs.). **Esporte e lazer na cidade**: a prática teorizada e a teoria praticada. Florianópolis: Lagoa, 2007. v. 2. p. 11-28. 172 p. ISBN 85-88793-27-X.

UGARTE, Maria Cecília Donaldson. O corpo utilitário: da revolução industrial à revolução da informação. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9, [s. d.], Ponta Grossa, PR. **Anais [...]**. Ponta Grossa, PR: [s. n.], [s. d.]. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_redonda/art5.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

WOSNIAK, Cristiane do Rocio. Mini@ aturas de um corpo semiósico em ambiente digital: a ciberdança em (na) rede. *Vozes e Diálogo*, v. 12, n. 02, 2013.

WOSNIAK, Cristiane do Rocio; MOTTA, Everson Luiz Oliveira. Reflexões sobre a dança e a educação a distância: uma perspectiva inclusiva na cultura digital. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 2, p. 142-167, abr./jun. 2020. ISSN 1804-3178. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984317815022019142>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ZANATTA, Carolina. TikTok é seguro? Entenda como funciona a coleta de dados do aplicativo: app tem acesso às suas preferências sociais, à sua lista de contatos e, em alguns casos, até mesmo às suas mensagens; entenda. **TechTudo**, [s. l.], 25 jul. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2021/07/tiktok-e-seguro->

entenda-como-funciona-a-coleta-de-dados-do-aplicativo.ghtml. Acesso em: 7 set. 2024.